

A Lavagem de São Bartolomeu

Fernanda Reis dos Santos¹

Resumo: A festa de São Bartolomeu é a celebração religiosa mais celebrada na cidade de Maragogipe, localizada no Recôncavo baiano. O festejo acontece durante todo o mês de agosto, tendo atualmente o seu ponto alto no dia da lavagem de rua. Na verdade, isso contraria uma das principais exigências da reforma da igreja católica e demonstra em que medida esse processo teve êxito. Para essa análise, utilizamos os jornais locais e os Compromissos da Irmandade de São Bartolomeu.

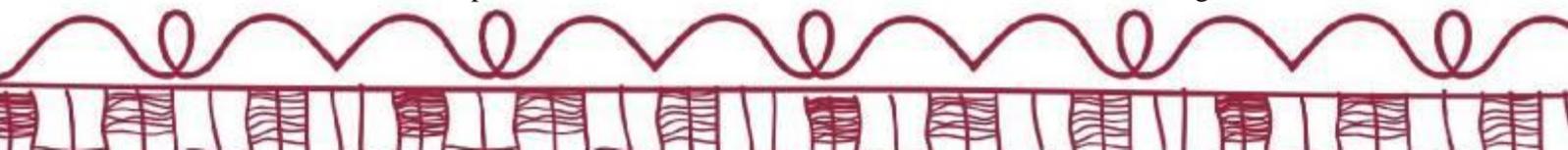
Palavras-chave: festa, reforma católica, irmandade

Este artigo analisa a lavagem de São Bartolomeu como uma via de acesso para compreender a cidade de Maragogipe. A paróquia foi construída no século XVII, a igreja no XVIII e a aprovação do Compromisso da irmandade no XIX, em 11 de abril de 1851, em pleno processo de reforma na Igreja católica. A pedido do padre Ignácio Aniceto de Souza, o Compromisso foi aprovado por dom Romualdo Antônio de Seixas. Em 20 de agosto de 1943, o Compromisso foi reformulado por dom Augusto Álvaro da Silva, por iniciativa do padre Florivaldo José de Souza. Considerando que as festas religiosas foram os alvos dos reformadores católicos, constatei que a reforma no Compromisso significou o ponto alto da romanização em Maragogipe, principalmente porque, a partir de então, a festa deixou de ser organizada por leigos, e o padre assumiu a presidência da Irmandade, interferindo e controlando diretamente os festejos.

O mês de agosto é pleno de festa e homenagens da população de Maragogipe, cidade do Recôncavo baiano, para o padroeiro São Bartolomeu, sendo que atualmente o dia da lavagem de rua é o ponto alto das festividades em seu louvor.

O Recôncavo corresponde à região em torno da Baía de Todos os Santos e compreende 26 municípios, dentre eles estão: Jaguaripe, Nazaré, Maragogipe, São Felipe, Conceição do Almeida, Castro Alves, Santo Antônio de Jesus.²

¹ Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia. Fernanda.reisdossantos@gmail.com



O município está dividido em seis distritos: Maragogipe (sede), Guaí, Guapira, Coqueiros, Nagé e São Roque do Paraguaçu. Limita-se com Cachoeira, São Félix, Santo Amaro, Salina das Margaridas, Jaguaripe, Nazaré e São Felipe.

A festa se faz no interior de um território lúdico, onde se exprimem igualmente as frustrações, reivindicações dos distintos grupos sociais. Ora rompe com o calendário da rotina, dando suporte para a criatividade, ora afirma a perenidade das instituições de poder. Reafirma os laços de solidariedade, como permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças. Discutir festa põe em evidência as contradições, tensões e conflitos sociais. A festa efetivamente possibilita ao grupo social o confronto de prestígio e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes. O indivíduo ou grupo afirma com sua participação na festa seu lugar na sociedade política e na cidade.

A festa precisa ser pensada como um campo repleto de significações, onde se exprime com intensidade as dimensões dos papéis sociais, isto é, os sujeitos não ocupam da mesma forma os espaços, ou seja, há, nessa rede relacional, um conflito de natureza simbólica, no sentido de que os diversos grupos tentam se afirmar através de seus fazeres culturais. Assim, o espaço constitui-se enquanto um lugar onde os atores constroem suas representações, produzindo discursos e significados, num processo dinâmico de re-significação.

As festas organizadas pelas irmandades em homenagens aos santos padroeiros, ou outros de devoção, eram o momento máximo da vida dessas associações. Para desgosto de muitas autoridades civis e religiosas, preocupadas com a continuidade da ordem e com o cumprimento das normas litúrgicas, tais festas costumavam confundir as comemorações externas com as que eram realizadas no interior das igrejas.

Mircea Eliade³ explica que, para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, pois apresenta “roturas e quebras”. Existe um espaço forte, significativo, sagrado, e outros não sagrados, “sem estrutura nem consciência”, representa o caos. No entanto, é necessário sacralizar o espaço para que ele seja habitado. Por isso, procura-se um eixo, um centro de orientação, que pode ser um templo, o local ou o altar de um sacrifício de um animal, cruz, poste ou mastro, escada, árvore. Qualquer um desses elementos marca o limiar entre o sagrado e o profano e torna-se o eixo de ligação entre o céu, a terra e o mundo inferior, entre os deuses,

²BRANDAO, Maria de Azevedo; SANTOS, Milton, AZEVEDO, Thales de; PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p.49.

³ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

o território habitado pelos homens e o mundo de baixo (desconhecido e, muitas vezes, associado ao inferno).

Quanto à relação do homem religioso com o tempo, Eliade defende que ele também não é homogêneo ou contínuo. Existem duas temporalidades: o tempo profano, vinculado ao cotidiano, de duração temporal ordinária; e o tempo sagrado, marcado pelas festas periódicas. Assim como a porta do templo simboliza o limiar entre os territórios do cosmo e do caos, o evento religioso, realizado no seu interior, marca a ruptura com a duração temporal profana.

Entre as promessas mais comuns da cultura religiosa luso-brasileira, destaca-se esta de lavar, varrer e enfeitar igrejas e altares. Este ato de lavar pode ser entendido como emblemático, na medida em que se lava o santo e, assim, prepara-o para a realização da sua festa. Parece que esta prática é quase universal.

Os romanos e os gregos a praticavam. Ambos lavavam seus templos, ao som de cânticos festivos e religiosos. O mesmo se dava no Egito. Entre os africanos é fundamental, no seu ritual religioso, o banho dos ídolos, sobretudo com azeite. Em Portugal e na Espanha este ritual chegou, algumas vezes, às raias do abuso, sendo então proibido em longas e repetidas exortações de bispos e arcebispos, desde o século XVI.⁴

Nessa perspectiva, o primeiro registro desse costume que localizei em Maragogipe foi em um jornal local de 1879. O que não quer dizer que não existia lavagem do templo antes dessa data, aliás, essa referência foi a própria documentação que nos revelou. Notamos também uma demonstração de controle por parte da igreja em relação a esta manifestação, quando a imprensa tem a preocupação de ressaltar que “a ordem sempre reinou”, dando uma idéia de inexistência de conflitos, como veremos:

Parte noticiosa

Festa- amanhã celebra-se-há com a devida pompa a festa do nosso glorioso apóstolo São Bartholomeu.

Hontem foi a lavagem da igreja, que em nada desdisse dos anos anteriores, não só em concorrência do povo, como na ordem que sempre reinou.⁵

⁴ ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro: Encyclopédia Britania Editores LTDA, 1967. v. 3.

⁵ PARTE NOTICIOSA. **A Situação**, Maragogipe, BA, 23 ago. 1879. Não paginado. (Proprietário: Dr. Arsenio Rodrigues Seixas).

Por intermédio do jornal *A Situação*, de 1920, percebemos que acontecia a lavagem do interior do templo e depois se estendia ao espaço da rua. Diferentemente do que ocorre nos dias atuais, mas veremos esse item na conclusão.

Lavagem

Como nos annos anteriores, procedeu, hontem, a lavagem da nossa magestosa Matriz, para a festa do nosso Augusto Padroeiro S. Bartholomeu.

O terno “Mombaça”, á frente do povo, percorreu as ruas da cidade, na execução de tangos e lundus que tanto arrancam aplausos ao nosso bom Zé-povo.⁶

As disputas pelo espaço festivo deram-se em torno de projetos de mudança e da persistência de hábitos tradicionais. A participação de ternos, cordões e lundus trazia à mostra a indefinição dos organizadores em relação à feição que tais celebrações deveriam assumir.

Como é também, a festa da ordem, daquele tipo que reafirma, explicitamente, as estruturas sociais, cujos contornos precisos demandam uma reflexão contextualizada. No entanto, para bem entendê-la será sempre necessário conhecer o investimento político dos indivíduos, grupos sociais e instituições que dela participam.

Pensar o espaço enquanto uma rede de disputa simbólica é o que Peter Fry⁷ nos apresenta, trazendo contribuição para este estudo. Ele analisa que a mudança do significado social do espaço público transformou o entrudo em um problema público, o qual deveria ser perseguido pela polícia e autoridades municipais na segunda metade do século XIX. Assim, quando a lavagem de São Bartolomeu ganhou o espaço da rua e foi apropriada de forma singular pela comunidade que participava, notamos que ocorreu uma preocupação das elites e do clero de Maragogipe. O que ocasionou na separação dos dias da lavagem do templo e da rua, proposta do padre Florivaldo José de Souza, o representante da reforma católica na cidade. É forte a tendência em se considerar a festa, no Brasil, como o local do encontro, mistura e comunhão entre todas as etnias e classes sociais, base importante da nacionalidade brasileira. Nesse sentido, através dos jornais de Maragogipe, é possível perceber que a festa de São

⁶ LAVAGEM. *O Ideal*, Maragogipe, BA, 25 ago. 1920. Não paginado.

⁷ FRY, Peter. Negros e brancos no carnaval da Velha República. In: REIS, João José. **Escravidão e invenção da liberdade**: estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 233-263.

Bartolomeu transformava-se num importante espaço para divulgar as pretensões dos segmentos das elites locais e do clero. Através da exibição no espaço público de tipos sociais vistos como merecedores de crédito e prestígio, buscava-se homogeneizar modelos de conduta urbana.

As imagens da festa associadas à marca de um povo eram, constantemente, veiculadas nos jornais, cristalizavam a idéia da festa e de seu público como a marca de realce da originalidade da cidade de Maragogipe. Esta documentação pretendeu deixar para a posteridade essas imagens e versões da festa, pois eram cúmplices de um presente que se pretendia integrador das diferenças sociais, raciais. Nesta operação, acaba-se privilegiando determinadas imagens em detrimento de outras, já que as escolhas se envolveram com as circunstâncias e valores de sua época em relação aos freqüentadores e agentes dos festejos.

A festa de São Bartolomeu tinha sentidos múltiplos. Na ocasião, diferentes grupos sociais projetavam interpretações do seu mundo, atribuindo significados diversos a práticas culturais compartilhadas.

A aparente promiscuidade da festa é enganosa e a participação maciça de todas as classes, normalmente, respondia a regras bem estabelecidas. É importante perceber que os segmentos socialmente polarizados não atuavam de forma homogênea durante a festa.

No Brasil, o catolicismo era a religião oficial. As autoridades eclesiásticas cuidavam da educação, saúde, assistência pública e, até meados do século XIX, os padres exerciam, em nome do Estado, numerosas funções civis. Contudo, as transformações do século XIX forçaram a Igreja Católica a modificar-se, tendo em vista reforçar a autoridade do papa, o que implicava o enfraquecimento do poder político temporal. Assim, objetivava-se manter, reforçar a fé e propagá-la, multiplicando-se as devoções e peregrinações.

Dessa forma, a aproximação com Roma, processo que ficou conhecido por romanização ou ultramontanismo, foi a tentativa de autonomia da Igreja em relação ao Estado, bem como a busca pela necessidade de recolocar-se no campo religioso em mutação, redefinindo sua posição e seu papel e, para tanto, a Igreja se tornou mais intransigente em matéria de ortodoxia. Assim, os discursos do clero foram tomados como emblemáticos de toda a posição da Igreja, partindo do pressuposto de que o bispo encarnava a instituição, levando a idéia de homogeneidade, que não se constituía como tal.

A proclamação da República, com o decreto de separação entre Igreja e Estado, afastou o governo das preocupações de ordem religiosa, deixando os problemas do culto e devoção

exclusivamente na mão da hierarquia eclesiástica. A atuação pastoral tinha por objetivo reforçar o ensino do catecismo entre o povo, visando trazê-lo a uma prática sacramental mais assídua, e por outro, banir da prática religiosa abusos e superstições, de modo a obter uma expressão de fé mais pura, de acordo com os moldes tridentinos.

Com a separação Igreja e Estado, passa-se a uma segunda fase nas relações entre episcopado e irmandades. Estas conservavam-se sempre numa forma de independência quase total da autoridade eclesiástica. Não tendo mais as irmandades vinculação com o poder civil em vista da abolição do Padroado, os bispos tentaram reassumir o controle absoluto sobre elas, inclusive na área administrativa. Anteriormente, por força do regime de Padroado, seus compromissos eram aprovados pelo governo da metrópole. Somente a partir de 1889, os bispos adquiriram certa autonomia sobre a vida religiosa do povo brasileiro.

Temos também o padre Florisvaldo José de Souza que, entre os anos de 1942 a 1972, era capelão de Maragogipe. Bastante conservador, louvado pela disciplina que impunha, ajustou-se ao movimento que buscava garantir o predomínio da hierarquia eclesiástica, um dos objetivos da Igreja durante a reforma católica. No tocante à festa de São Bartolomeu, coerente com a tendência hegemônica dessa época, buscou retirar o controle das mãos dos leigos e alterou o Compromisso da irmandade, dando a ele amplos poderes sobre o festejo. Entretanto, verifica-se que, apesar da convergência de esforços, no sentido de terminar com estas formas de participação dos diferentes grupos sociais, não se concretizou o êxito da ação do poder sobre os grupos. O que se percebe são modalidades de atuação e de reação, muitas vezes dissimuladas, que assumem tais segmentos, com vistas a fazer frente à imposição que sobre eles incide.

Dessa forma, quem tem o controle do santo tem o controle da festa e da devoção, logo o padre deixou de ser apenas o celebrante da missa no dia festivo para tornar-se o principal festeiro. É ele quem organiza a festa, dirige os cantos, novenas, rezas, bem como mobiliza a população para abrihantá-la, além de controlar os rendimentos financeiros. Com isso, o clero afirma sua posição no campo religioso como único detentor dos rituais religiosos do catolicismo⁸.

O clero, que pretendia enquadrar as festas religiosas à ortodoxia; as autoridades civis, que objetivavam a manutenção da ordem; e, por fim, a imprensa, a qual omitia a informação da realização de festas não-católicas e estigmatizava o culto aos orixás. No contexto da

⁸ AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio a partir da interpretação do povo – segunda época, século XIX. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.140.

romanização, o catolicismo tradicional e leigo, daria lugar ao catolicismo renovado, romano e clerical. Este considerava que o catolicismo dos baianos restringia-se a um nível puramente exterior, sem atingir a alma. Para tanto, a liturgia deveria prevalecer sobre a festa de largo.

As festas eram consideradas períodos de desordem e excesso, que mais do que proibir, era necessário integrar aos quadros da ortodoxia e da obediência. Espaço para revolta ritualizada, território pleno de símbolos que anunciavam a insatisfação social (violência física, no obscuro do excesso corporal, no riso). Suspensão do cotidiano, mas também repositório de costumes⁹.

É preciso analisar as festas como atos coletivos e ligados diretamente à relação do homem com seu espaço, o que proporciona indícios sobre elementos do cotidiano, sobre a história e a memória dos locais e sujeitos que as realizam, ou seja, transparecem as relações envolvidas, as disputas nas esferas do público e privado, como também as manifestações são utilizadas e apropriadas como instrumentos de poder. Uma festa consiste em um momento de integração, inclusive dos conflitos e divergências, que reafirmam vínculos sociais e identidades, isto é, sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica, suas estruturas culturais, as relações políticas e as propostas de mudanças, revelando os paradoxos das sociedades.

A festa seria um momento em que um grupo ou uma coletividade projeta, simbolicamente, sua representação de mundo e exprime com bastante intensidade as dimensões dos papéis sociais e o confronto dos símbolos que eles significam.

Referências bibliográficas:

1. AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio a partir da interpretação do povo – segunda época, século XIX. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
2. BRANDAO, Maria de Azevedo; SANTOS, Milton, AZEVEDO, Thales de; PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **Recôncavo da Bahia**: sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.
3. ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
4. ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro: Encyclopédia Britania Editores LTDA, 1967. v. 3.

⁹ Ibid., p. 128.

5. FRY, Peter. Negros e brancos no carnaval da Velha República. In: REIS. João José. **Escravidão e invenção da liberdade**: estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 233-263.

Fontes:

Acervo Osvaldo Sá (Maragogipe-Ba)

Jonais

PARTE NOTICIOSA. **A Situação**, Maragogipe, BA, 23 ago. 1879. Não paginado.(Proprietário: Dr. Arsenio Rodrigues Seixas).

LAVAGEM. **O Ideal**, Maragogipe, BA, 25 ago. 1920. Não paginado.